



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

O ESQUEMA X-CÍDIO NA LÍNGUA PORTUGUESA: DESCRIÇÃO DE PROPRIEDADES FORMAIS E SEMÂNTICAS DE UMA CONSTRUÇÃO DE COMPOSIÇÃO MORFOLÓGICA/NEOCLÁSSICA

Wívia Ananda Souza Santos Lima¹; Zenaide de Oliveira Novais Carneiro²

1. Bolsista – FAPESB/IC, Graduanda em Letras – Língua Portuguesa, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: limawivia@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: zoncarneiro@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Compostos Morfológicos. Compostos Neoclássicos.
Morfologia Construcional. Semântica Cognitiva.

INTRODUÇÃO

No quadro dos estudos sobre os processos de formação de palavras na língua portuguesa, existem divergências no entendimento do que caracteriza uma palavra composta. Considerando essas diferentes perspectivas, neste trabalho, adotaremos as definições de Ribeiro e Rio-Torto (2016) e Villalva (2020), que compreendem a composição como um processo de natureza concatenativa que envolve pelo menos duas unidades lexicais.

De acordo com Ribeiro e Rio-Torto (2016, p. 462), as palavras resultantes desse processo, são formadas por um conjunto fixo de palavras ou radicais, com forte coesão interna e ordem imutável. Apresentam alta opacidade e dificultam a inserção de novas unidades, além de ter pouca possibilidade de extensão ou redução, e possuem um sentido unitário.

Os compostos do português, segundo Ribeiro e Rio-Torto (2016) e Villalva (2020), classificam-se em: morfológicos, morfossintáticos e sintagmáticos/sintáticos¹. Os compostos morfológicos, são aqueles que “incluem pelo menos um radical não autónomo, frequentemente de origem grega ou latina, e caracterizam-se pela presença de uma vogal de ligação [...] entre os respetivos elementos compositivos” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 476). Dessa forma, distinguem-se dos compostos de bases livres, morfossintáticos e sintagmáticos/sintáticos, que envolvem a concatenação de palavras, não admitindo radicais. São exemplos de compostos morfológicos: *cardiopatia*, *hidromassagem*, *sambódromo* e *franco-alemão*.

A composição morfológica, também chamada de composição neoclássica por autores como Lüdeling (2009) e Gonçalves (2016), é o foco deste trabalho, que visa descrever e analisar o padrão X-cídio. Esse padrão tem origem no latim *cidium* e indica

¹ Composto sintagmático é usado por Ribeiro e Rio-Torto (2016), ao passo que composto sintático é usado por Villalva (2020). Apesar da pequena diferença terminológica, há equivalência conceitual.

ação de quem mata ou o seu resultado. Entre as formas consagradas extraídas do Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa (Houaiss; Villar, 2009) destaca-se *fratricídio*, *homicídio*, *parricídio*, *suicídio* e *uxoricídio*. Além disso, o padrão é responsável por realizações inovadoras não dicionarizadas, como *gatocídio*, *travestício*, e *gramaticídio* que surgem em variados contextos, principalmente por meio das redes sociais.

Esta pesquisa se fundamenta nos princípios da Semântica Cognitiva e da Morfologia Construcional, que se inserem dentro da perspectiva de uma Linguística Baseada no Uso. Sendo assim, espera-se que os resultados encontrados propiciem uma descrição morfológica adequada de palavras em uso no português do Brasil, uma vez que, não há, até então, uma análise minuciosa do padrão *X-cídio*.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Os dados inovadores foram recolhidos na plataforma X/Twitter, organizados em uma planilha Excel, e, em seguida, passaram por uma análise morfológica, sintática e semântica, sendo descritos por meio de um esquema construcional.

É importante destacar o processo pelo qual as realizações inovadoras do padrão *X-cídio* foram identificadas. Inicialmente, considerou-se a hipótese de que *feminicídio* teria influenciado a criação dessas novas realizações, por ser um termo amplamente discutidos na contemporaneidade - especialmente em razão das discussões sobre a violência sistemática direcionada a grupos minoritários e historicamente oprimidos na sociedade, bem como dos recorrentes e lamentáveis casos noticiados pela mídia.

A partir disso, foram realizadas buscas para observar de que forma os falantes associavam esse padrão a diferentes categorias sociais. Assim, foram exploradas diversas combinações com *-cídio*, como, por exemplo, *idosocídio* ‘matar idosos’, com o objetivo de analisar a adaptação do padrão a essas novas instanciações. Em vista disso, essas formas induzidas foram pesquisadas nas ferramentas de busca do X/Twitter, para verificar sua existência e aplicação em contextos linguísticos.

As realizações encontradas datam do século XXI, situando-se entre 2009 e 2025. Contudo, no que se refere à frequência dessas realizações, é impossível calculá-la, pois o X/Twitter não fornece esses dados de maneira direta.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Do ponto de vista morfológico, *feminicídio* é formada por *femin-* do latim *femina* ‘fêmea’ e *-cídio* do latim *cidium* ‘ação de quem mata ou o seu resultado’, unidos pela vogal de ligação *-i-*. A palavra designa a morte de mulheres por motivos de gênero.

O termo foi cunhado pela antropóloga e deputada mexicana Marcela Lagarde em 2006, que adaptou o termo inglês *femicide*, originalmente proposto pela escritora e ativista Diana Russell na década de 1970. A diferença dos termos resulta em que *feminicídio* foi usado para declarar a responsabilidade do Estado na manutenção de crimes de *femicídio*. Dessa forma, Lagarde ampliou o conceito, dando-lhe um caráter político e estrutural, ao defini-lo como o assassinato de mulheres por razões de gênero,

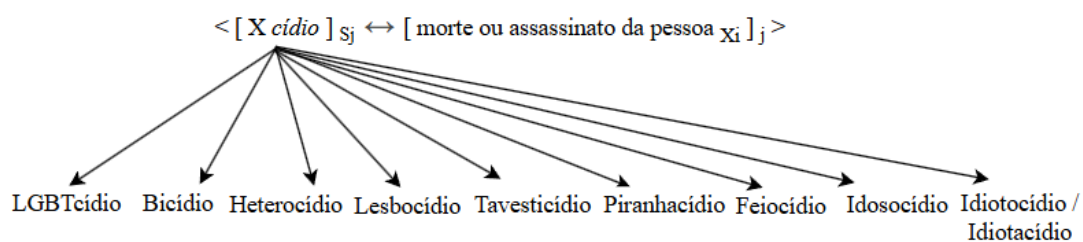
muitas vezes com a convivência ou omissão do Estado (Caicedo-Roa; Bandeira; Cordeiro, 2022).

Em 2015 com a aprovação da Lei do Feminicídio no Brasil, o termo passou a fazer parte do Código Penal Brasileiro como uma qualificadora do crime de homicídio. A partir desse momento, a violência brutal cometida contra mulheres passou a ter um nome dentro desse código. Nesse sentido, é importante observar a importância de dar nome, trazer ao exterior o reconhecimento, já que não se trata de um homicídio “comum”, mas sim de um homicídio com motivações machistas e misóginas. (Da Silva *et. al.*, 2024, p. 299)

Nesse contexto, esse tipo de violência passou a ter maior visibilidade e, consequentemente, o termo se tornou mais representativo. Em pesquisas realizadas no Google Scholar, restritas a páginas em português, *feminicídio* apresenta cerca de 15.800 resultados, ocupando a quarta posição; *suicídio*, em primeiro, com 183.000 resultados; *homicídio*, em segundo, com 88.000 registros; *genocídio*, em terceiro, com o número de 49.200; enquanto *uxoricídio*, apresenta apenas 299 resultados. Considerando que as outras designações são mais antigas em termos de consagração na língua e dicionarização, a crescente ampliação das discussões sobre gênero, além da transparência semântica, tem levado à popularização da palavra, tornando-a um dos principais termos associados a novas criações e categorias feitas pelos falantes.

Uma das principais formas de conceber novas palavras é por meio da generalização linguística. O falante, com base no seu conhecimento linguístico e enciclopédico, compreende as relações entre as formas já existentes e, por meio da capacidade de esquematização, percebe a regularidade gramatical, criando novas palavras a partir de traços comuns entre forma, significado e função (Booij, 2010).

Figura 1 – Esquema do composto X-*cídio*



Fonte: elaboração própria

A rede construcional acima apresenta alguns dos compostos morfológicos/neoclássicos encontrados no *corpus*. É possível notar que as inovações linguísticas encontradas no X/Twitter, seguem um padrão de formação, no qual um vocábulo com o sentido de ‘vítima’ é alocado à esquerda para dar origem a uma nova palavra, geralmente atribuída a outra categoria social.

Nos compostos *bicídio* ‘matar bissexuais’ e *heterocídio* ‘matar heterossexuais’, ocorreu o processo de recomposição, pelo qual uma palavra composta, ao ser encurtada, adquiriu o significado do composto original, mas sem preservar o sentido etimológico da forma de origem (Gonçalves; Oliveira, 2016). Nesse caso, *bi* e *hetero* deixam de remeter aos significados de ‘dois’ e ‘diferente’, respectivamente, passando a representar orientações sexuais específicas.

Nesse tipo de composição, é comum a presença de uma vogal de ligação e/ou delimitadora de radicais, sendo o *-i-* a mais frequente nos compostos de origem latina e o *-o-* em compostos de origem grega (Simões Neto, 2024). No entanto, nos casos encontrados, essas vogais não aparecem. Em *idiotocídio* e sua variação *idiotacídio*, não é possível identificar se o *-o-*, assim como o *-a-*, são usados com esse intuito ou se fazem parte do radical.

No que tange ao significado dos compostos grande parte deles é motivado por metáforas, frequentemente ligadas ao contexto social e cultural do falante. De acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980]), a metáfora é uma forma de conceber uma coisa em termos de para facilitar a compreensão. No caso de *piranhacídio*, temos uma metáfora conceptual HOMEM É ANIMAL, onde ‘piranha’ não se refere ao peixe, mas a mulheres que se envolvem sexualmente em troca de dinheiro ou se relacionam com muitos homens. De maneira pejorativa, a metáfora associa essas mulheres a predadoras, em referência às presas afiadas das piranhas, implicando que o *piranhacídio* representaria a morte dessas mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A pesquisa descreveu e analisou a configuração morfológica, sintática e semântica das construções *X-cídio* em uso no português do Brasil, destacando suas relações com aspectos sociais e culturais. Embora esse padrão exija uma análise mais aprofundada, os resultados mostram como os falantes geram novas criações no contexto contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- BOOIJ, G. 2010. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press.
- CAICEDO-ROA, M.; BANDEIRA, L. M.; CORDEIRO, R. C. 2002. Femicídio e Feminicídio: discutindo e ampliando os conceitos. *Revista Estudos Feministas*, v. 30, n. 3, p. e83829.
- DA SILVA, P. C. et al. 2024. Feminicídio em discussão: o porquê de um nome. *Scripta*, v. 28, n. 63, p. 299-330.
- GONÇALVES, C. A. V. 2016. *Morfologia Construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto.
- GONÇALVES, C. A. V.; OLIVEIRA, P. A. Morfologia construcional aplicada à recomposição. 2016. In: *Morfologia Construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, p. 71-81.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. 2009. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. 2002. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ.
- RIBEIRO, S.; RIO-TORTO, G. 2016. Composição. In: RIO-TORTO, Graça et al. (Eds). *Gramática derivacional do Português*. 2 ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 462-489.
- SANDMANN, A. J. 1997. *Morfologia lexical*. 2 ed. São Paulo: Contexto.
- SIMÕES NETO, N. A. 2024. Morfologia Cognitiva, uma abordagem construcionista: fundamentos teórico-epistemológicos e análise da construção [X-cefalia] no português brasileiro. *Diadorim*, Rio de Janeiro.
- VILLALVA, A. 2020. Composição. In: RAPOSO, E. B. P. et al (Orgs). *Gramática do português*. Volume 3. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, p. 3153-3210.